


Resenha de “Crises of Democracy”

PRZEWORSKI, Adam. *Crises of democracy*,
Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

Pedro Marques

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-2849-6250>
pedrocarsamar@gmail.com

Recentemente, vem se formando um clima alarmista de que as democracias atuais estejam cursando uma trajetória de deterioração, podendo resultar em seu colapso. Tais preocupações se baseiam na presença de sinais que supostamente representam uma ameaça sem precedentes à manutenção desse regime em diversos países. A saber: rápido esvaziamento de partidos tradicionais, fortalecimento de partidos populistas, acirramento da polarização política, tendências de desconfiança institucional dentre outros. Em *Crises of Democracy*, Adam Przeworski (2019) revisa o diagnóstico de que haja uma crise sem paralelos históricos e explora possíveis implicações do cenário atual,

ainda que o futuro seja, em alguma medida, indeterminado. Przeworski é natural da Polônia, mas atualmente leciona no Departamento de Ciência Política da *New York University*. Seus temas de interesse incluem democracia, Economia Política e estudos comparativos, tendo publicado diversos artigos e livros nessas áreas e recebido prêmios por suas contribuições acadêmicas.

Se o tema do livro são as crises do regime democrático, o primeiro esforço de Przeworski é definir esse sistema e caracterizar o que constitui sua crise. No capítulo introdutório, o autor o descreve como: “um arranjo político em que as pessoas selecionam governos através de eleições e têm uma possibilidade razoável de remover governos incumbentes que não lhe agradem” (PRZEWORSKI, 2019, p.5)¹. Dessa maneira, o autor compartilha da abordagem minimalista, aproximando-se de nomes de peso das teorias da democracia: como Joseph Schumpeter e Robert Dahl. O primeiro (SCHUMPETER, [1942] 2017) identifica o sufrágio como principal dispositivo institucional desse regime político, mediante o qual a população pode atribuir mandatos políticos a terceiros sob as condições de competitividade, periodicidade e aderência às regras. Já o segundo (DAHL, [1971] 2002) emprega o termo poliarquia para definir sistemas caracterizados por alta participação política (voto popular) e contestação pública (direito de manifestação e concorrência), sendo a democracia plena um tipo ideal do qual as poliarquias se afastam ou se aproximam.

Tais abordagens ocupam uma posição muito importante na Ciência Política não por acaso. Sabidamente: **1)** afastam discussões exaustivamente normativas sobre a democracia; **2)** e são operacionalizáveis – pois permitem estudar o fenômeno tal como ele se manifesta empiricamente. De fato, essas descrições convergem para o denominador comum de todas as democracias reais: aquilo que se mantém a despeito de sua variedade.

¹ “[...] *Democracy is a political arrangement in which people select governments through elections and have a reasonable possibility of removing incumbent governments they do not like*” (PRZEWORSKI, 2019, p.5).

Mas como identificar que uma democracia está em crise? Para Przeworski, em momentos críticos, as instituições democráticas apresentam disfuncionalidades e entregam resultados insatisfatórios. Essa situação é insustentável no decorrer do tempo, mas, ao mesmo tempo, nenhuma mudança significativa emerge para sanar os problemas. Tampouco se pode, com segurança, prever o que ocorrerá daí em diante, dado o alto nível de incerteza inerente a essas circunstâncias. A democracia pode se reformar, colapsar ou mesmo cruzar esse período de mal-estar preservando sua estrutura. A grande questão é se as condições atípicas vivenciadas neste início de século são fortes o suficiente para embasar um presságio fatalista sobre o destino das democracias.

De todo modo, é possível se cercar de estratégias para calibrar a percepção do que está no campo das possibilidades. Uma das medidas empregadas por Przeworski, neste sentido, é voltar-se às experiências passadas de democracia na primeira parte de seu livro.

No segundo capítulo, o autor se debruça sobre padrões que distinguem as democracias que sobreviveram das demais experiências que sofreram reversão autoritária. Para tanto, Przeworski compara 88 democracias consolidadas desde 1918 conforme diversas características. Segundo seu critério de seleção, apenas são incluídos períodos democráticos em que tenha havido, pelo menos, duas alternâncias de poder como consequência do voto popular². Em suma, a sobrevivência das democracias no passado parece estar associada a padrões elevados de desenvolvimento, a adoção de sistemas próximos ao parlamentarista, a experiência democrática, a menor incidência de agitações violentas e disruptivas e a maior estabilidade do governo. Em se tratando de uma análise descritiva, não há, aqui, pretensão de causalidade, mas sim, de descobrir fatores que são, a princípio, relevantes.

² Mas vale frisar que esse é um critério arbitrário para distinguir democracias consolidadas. Svobik (2015) emprega um modelo estatístico de sobrevivência a uma grande amostra de experiências democráticas e sugere que esse regime se consolida, *ceteris paribus*, por volta de seu décimo-sétimo ou vigésimo ano de continuidade. A partir daí, reversões autocráticas tornam-se improváveis.

No capítulo seguinte, o autor faz um breve estudo de quatro casos de crise democrática do século passado. Em primeiro lugar, a Alemanha de 1928-33 é assolada por violência política, desequilíbrios econômicos e uma crise de governabilidade fundamentada em regras eleitorais que tornam o poder legislativo excessivamente fragmentado e instável. Nesse contexto, uma brecha constitucional é acionada para garantir que o gabinete parlamentar execute suas prerrogativas por decreto, o que é futuramente explorado pelo chanceler Adolf Hitler (do partido nazista) em sua trajetória para tornar-se um autocrata. No Chile de 1970-73, o presidente Salvador Allende, um membro moderado do partido socialista, não consegue maioria parlamentar para governar, resultando em tensões constantes que impedem a resolução dos problemas econômicos da época. O conflito é agravado por sua incapacidade de disciplinar sua base e escala ao ponto de os militares o deporem com um golpe, instalando a ditadura.

Em contraste, os demais casos trazidos pelo autor retratam a sobrevivência da democracia a despeito. Nos períodos de 1954-68, havia uma grande saliência política em torno da colônia francesa na Argélia, que se deparava com confrontos independentistas. Em razão das instituições eleitorais, as sucessivas coalizões parlamentares eram muito instáveis para resolver a questão, criando uma janela de oportunidade para o general da reserva Charles de Gaulle arvorar-se ao posto de primeiro-ministro, converter o sistema vigente em semi-presidencialismo e exercer um governo à base de decretos e perseguições sistemáticas. Apesar da traumática experiência, as reformas facilitaram a governabilidade e Charles de Gaulle não procurou estender seu mandato indefinidamente, preservando-se a democracia.

Por fim, há o caso do presidente republicano Richard Nixon nos Estados Unidos de 1964-76. À época, Nixon cooptou instituições de Estado para favorecer sua reeleição mediante intimidação e coleta de informações de seus opositores. Apesar de reeleito, foi associado ao escândalo de depreação da sede do partido democrata, em *Watergate*,

suscitando no seu *impeachment* pelo parlamento estado-unidense, que era dominado pela oposição.

Essas experiências reforçam que períodos traumáticos nem sempre são suficientes para fazer a democracia colapsar. Além disso, a presença de instituições que facilitem a governabilidade parece essencial para a preservação do regime, ainda que, em última instância, Przeworski ressalte a disposição e os interesses dos indivíduos para o resultado das crises. Essas são, de fato, algumas conclusões apresentadas no capítulo quatro.

Na segunda parte do livro, o cientista político polonês volta-se para o que está acontecendo atualmente nas democracias pelo mundo todo. No quinto capítulo, por exemplo, o autor se põe diante de três eventuais sinais de ameaça ao regime na atualidade. Em primeiro lugar, observa-se um rápido esvaziamento de partidos tradicionais. Algumas legendas que, durante muito tempo, abocanhavam uma proporção significativa de votos, hoje começam a minguar eleitoralmente. Em seguida, menciona-se a proliferação de partidos populistas de direita que vêm justamente a ocupar o espaço das centro-esquerda e centro-direita tradicionais. As agremiações populistas se colocam em uma posição ambígua. Se por um lado se valem de mecanismos democráticos para chegar ao poder, por outro lado, mantêm uma postura anti-institucional: argumentam que as instituições representativas e intermediárias se obstruem a “vontade do povo” de se expressar espontaneamente. Finalmente, pesquisas de opinião demonstram um menor apego da população à democracia. No entanto, como o próprio Przeworski afirma, esse é um dado superestimado, pois a definição de democracia dos entrevistados é muito variada e nem sempre dizem respeito ao regime político em si.

No capítulo seguinte, novas fontes de preocupação são mencionadas. O crescimento econômico, por exemplo, tem desacelerado nos países desenvolvidos em forte contraste ao século passado. Como Piketty (2014) bem observa, esse padrão de baixo crescimento econômico é, na verdade, natural para os países mais ricos. Os elevados índices de desenvolvimento do século passado se deveram, dentre outras coisas, ao choque exógeno das guerras mundiais. Por outro lado, é igualmente

verdade que essa situação faz o capital aumentar sua importância na alocação de renda, aprofundando as desigualdades econômicas. Por fim, o cientista polonês relembra a queda da participação dos empregos industriais no mercado de trabalho em favor do setor de serviços, que costuma não remunerar tão bem quanto outros tipos de emprego. Isso cria um clima de estagnação econômica para a população em geral que, como se já não bastasse, se dá em meio a intensas polarizações, hostilidade política e intolerância de muitos tipos.

Tais vulnerabilidades podem, eventualmente, ser exploradas pela direita radical, convertendo-se em alguma vantagem eleitoral. Alguns estudos sugerem que indicadores de mal-estar econômico (como desemprego) podem estar relacionados com o voto na extrema direita, por exemplo. Mas, como Przeworski argumenta no sétimo capítulo, não há consenso suficiente sobre muita coisa nessa literatura empírica a respeito do que motiva o voto na extrema direita.

Deste modo, o autor assegura-se de que há, realmente, sinais de instabilidade e mal-estar que diferenciam as crises de hoje daquelas experienciadas no passado. Em contraste, Przeworski também lembra que algumas condições características de reversão autoritária do passado não se observam em muitas democracias atuais. Por exemplo: a renda *per capita* hoje é muito superior e os partidos extremistas atuais, em geral, não advogam abertamente a mudança para um sistema autocrático. Mais controverso, entretanto, é sua observação de que militares perderam sua atuação política. No Brasil, sob a gestão de Bolsonaro, há uma forte participação das forças armadas no governo, seja diretamente ou pelos bastidores políticos. Também se pode destacar a forte dependência do presidente venezuelano Nicolás Maduro ao seu exército e a atuação das forças armadas bolivianas durante a remoção de Evo Morales do poder (ainda que este tenha mudado as regras do jogo a seu favor antes de tudo).

Chegando às quadras da terceira parte de seu livro, o polonês lança luz sobre o que se pode esperar do futuro das democracias.

A princípio, Przeworski considera, nos capítulos 9 e 10, eventuais disfuncionalidades que contribuem para a crise desse regime político.

Segundo ele, a democracia falha quando os atores políticos **1)** não têm incentivos para avançar seus interesses pelas vias institucionais ou **2)** não conseguem admitir derrotas eleitorais e legislativas. Quando essas tensões são levadas à exaustão, tais atores podem recorrer à violência e à distorção das regras. Idealmente, o sistema deve permitir que as disputas políticas rendam resultados significativos aos seus vencedores, sem que se configurem custos proibitivos aos perdedores.

Um das maiores preocupações, no entanto, diz respeito ao fenômeno de subversão sub-reptícia. Os chefes de governo de ocasião podem eventualmente acumular pequenas mudanças sobre as regras do jogo democrático que, embora pouco perceptíveis no curto prazo, podem contribuir para a erosão do regime no longo prazo. Em outras palavras, essas pequenas reformas podem ir se somando a ponto de esgotar a competitividade das eleições ou de estender indefinidamente o mandato do incumbente. O risco está na dificuldade da sociedade civil e demais atores políticos em antever o efeito cumulativo dessas mudanças, podendo ser pegos de surpresa quando já for tarde demais. Essa é uma estratégia que pode precisamente tornar-se o padrão de reversão autoritária daqui para a frente. Não obstante, Svobik (2015) sugere, em um de seus modelos estatísticos, a possibilidade de uma democracia madura ainda se desconsolidar por um autogolpe do incumbente, cujo gatilho, nos dias atuais, poderia advir de um processo de subversão sub-reptícia. Ainda que a probabilidade de desconsolidação seja muito baixa segundo suas estimativas, há de se considerar, como Przeworski o faz, que as democracias enfrentam desafios atípicos sem paralelos no passado.

No capítulo 11, Przeworski insiste em não aderir a interpretações fatalistas, mas admite que não pode evitar certo pessimismo. Em primeiro lugar, o horizonte socioeconômico não parece promissor: há uma compressão salarial e aumento da desigualdade nos países ricos junto à pouca perspectiva de mobilidade social, alimentando uma insatisfação que ainda não foi adequadamente respondida pelas instituições democráticas. Em publicação contemporânea, outro autor (BOIX, 2019) sugere que o Estado democrático hoje está muito melhor

equipado institucionalmente para responder aos choques tecnológicos que ainda estão por vir e que podem nos reservar novas crises. No entanto, essa suposta superioridade institucional de hoje não tem se traduzido em uma resposta satisfatória à situação atual, que ainda sente os efeitos dos choques tecnológicos da década 1970 e pode deteriorar ainda mais a confiança dos atores políticos na democracia. Não é por acaso, assevera Przeworski, que o discurso antissistema dos populistas tenha tido tanta aderência, afinal, a democracia representativa sempre favoreceu desproporcionalmente as elites. Não há, portanto, como deixar de se preocupar sobre o que aguarda as instituições democráticas, mas tampouco é fácil tecer previsões exatas.

Em seu último livro, Przeworski não traz evidências ou métodos propriamente novos para se debruçar sobre a crise da democracia e seus determinantes (ver BARROS; SOUZA, 2021). Por outro lado, o autor constrói uma leitura muito promissora a respeito do mal-estar nas democracias contemporâneas, em fina sintonia com um conjunto de estudos que ele mobiliza exaustivamente. Dessa forma, pode-se afirmar que o politólogo renova o debate com sobriedade, construindo reflexões importantes a partir do estado da arte e rendendo algumas lições. Primeiramente, a democracia está, sim, passando por turbulências e suas projeções estão longe de serem animadoras. Em segundo lugar, Przeworski também renuncia a qualquer exercício de futurologia: as comorbidades institucionais e econômicas que nos afligem não cravam a ferro e fogo o desfecho de nossas crises políticas. Isto é, não há nada de teleológico no que a humanidade está vivenciando.

No entanto, seu livro também é cheio de questões abertas. Suas reflexões e provocações são poderosas, mas Przeworski não deixa margem suficiente para se entreter com alternativas práticas aos desafios de hoje. Que há um mal-estar, nós sabemos, mas o que exatamente pode ser feito a respeito? Finalmente, seu conceito de crise não se encontra plenamente operacionalizável. O esforço que o autor emprega para definir o que é uma crise da democracia é louvável e esclarecedor. Porém, ainda carece de objetividade e parece ser utilizado de forma bastante solta e intuitiva para caracterizar diversos períodos históricos,

não ficando claro quais são seus limites conceituais. Mas essa suposta fraqueza também pode derivar justamente das ambiguidades inerentes a esses processos críticos.

Referências

BARROS, Ana Tereza Duarte Lima de; SOUZA, Jorge Henrique Oliveira de. Populismo e crises da democracia. *Teoria & Pesquisa*, v. 30, n. 3, 2021, p.88-93.

BOIX, Carles. *Democratic capitalism at the crossroads: technological change and the future of politics*. Princeton: Princeton University Press, 2019.

DAHL, Robert. *La poliarquía: participación y oposición*. Madri: Tecnos, (1971) 2002.

PIKETTY, Thomas. *O capital no século XXI*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

PRZEWORSKI, Adam. *Crises of democracy*, Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

SCHUMPETER, Joseph. *Capitalismo, socialismo e democracia*. São Paulo: Unesp, (1942) 2017.

SVOLIK, Milan. Which democracies will last? Coups, incumbent takeovers, and the dynamic of democratic consolidation. *British Journal of Political Science*, v.45, n.4, 2015, p.715-738.

Resumo:

Esta resenha se debruça sobre o mais recente livro de Adam Przeworski: *Crises of democracy*. Neste trabalho, o autor lança um olhar sistemático sobre mudanças políticas que vêm preocupando os analistas sobre o destino da democracia. Alguns vislumbram sua erosão até um limite sem volta, outros temem que os regimes democráticos não sobrevivam ao mal-estar político. Por sua vez, o autor pondera sobre diversos aspectos que podem ou não estar associados a esses diagnósticos, incluindo circunstâncias sem precedentes. No entanto, embora Przeworski veja o cenário atual com bastante preocupação, sua obra não lança presságios fatalistas sobre as democracias. Seu livro deixa algumas questões em aberto propositalmente, por reconhecer os limites metodológicos na análise política. Mas, no fim, seu trabalho constitui um esforço importante sobre o tema ao lançar um olhar sistemático sobre a conjuntura atual.

Palavras-chave:

democracia, crise, instituições políticas.

Abstract:

This review looks at Adam Przeworski's most recent book: “Crises of Democracy”. In this work, the author takes a systematic look at political changes that has been worrying analysts about the fate of democracy. Some glimpse its erosion to a limit of no return, others fear that democratic regimes will not survive the political malaise. In turn, the author ponders on several aspects that may or may not be associated with these diagnoses, including circumstances without precedents. However, although Przeworski sees the current scenario with great concern, his work does not cast fatalistic omens on democracies. His book deliberately leaves some questions open, as it recognizes the methodological limits in political analysis. But, in the end, his work constitutes an important effort on the subject by taking a systematic look at the current situation.

Keywords:

democracy, crisis, political institutions.

Recebido para publicação em 03/02/2021

Aceito em 05/10/2022

 **ACESSO ABERTO**

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

